



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## **A transformação narrativa do indivíduo: uma análise comparativa de *Orgulho e Preconceito* (1813) e *The Lizzie Bennet Diaries* (2013)**<sup>1</sup>

**Thaís CABRAL**<sup>2</sup>

**Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio**

### **Resumo**

Esse trabalho busca analisar a transformação do indivíduo na narrativa, por meio de uma comparação entre *Orgulho e Preconceito* (1813) e *The Lizzie Bennet Diaries* (2013), embasado em conceitos de Georg Simmel (1998), Philippe Ariès (2009), Louis Dumont (2000 [1983]) e Colin Campbell (2001 [1987]), entre outros. A escolha dos objetos de estudo se deve, em grande parte, a crença, de teóricos como Howard Becker (2014) e Janet Todd (2017), de que o trabalho de Austen, além de uma obra literária formidável, também é um estudo dos costumes do final do século XVIII e início do século XIX. Decorrentes dos textos estudados e dos materiais analisados notam-se as muitas diferenças e similaridades entre os períodos. Por fim, é bom ressaltar que, em vista da natureza teórica deste trabalho a metodologia escolhida foi a Análise de Discurso (A.D.).

**Palavras-chave:** Comunicação; Literatura; Séries Digitais; Indivíduo; Modernidade.

A individualidade é “[...] a superação tanto interna quanto externa do indivíduo das formas comunitárias medievais que conformavam a forma de vida, a atividade produtiva, os traços de caráter dentro de unidades niveladoras, fazendo desaparecer os traços pessoais [...]” (SIMMEL, 1998, p.1). Embora seja difícil concordar quando, exatamente, ela começou a ser vista como um valor em nossa sociedade, o século XV costuma ser um dos favoritos dos acadêmicos. Georg Simmel (1998), um de seus defensores, afirma que foi na Renascença que se difundiu “[...] a vontade de poder, fama, prestígio e distinção em um grau desconhecido até então,” (p.1).

Para Philippe Ariès (2009), no entanto, é difícil reconhecer que houve uma mudança significativa da mentalidade das pessoas entre o início da Idade Média e o final do século XVII. Inclusive, Ariès (2009) chama atenção para o fato de que ainda é possível encontrar tipos antigos de

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 10 – Consumo, Literatura e Estéticas Midiáticas, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio. Email: thaissddcabral@gmail.com.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

sociabilidade no século XX. Simmel (1998), de fato, reconhece que a individualidade, como conceito, não permaneceu a mesma com o passar dos séculos, mas ele ainda o vê como um conceito em evolução constante: do século XV, em que se resumia à busca por distinção social, pela posição que ocupam, ao século XVIII, em que se associou à ideia de liberdade, igualdade e fraternidade e, deste, ao século XX, em que “[...] os indivíduos tornados autônomos querem agora distinguir-se *entre si*,” (SIMMEL, 1998, p.6). Ariès, ao contrário, percebe que

[...] há tantas mudanças na vida material e espiritual, nas relações com o Estado, depois com a família, que devemos abordar o período moderno como uma época à parte, autônoma e original, não esquecendo o que deve a uma Idade Média remanejada e tendo em mente que anuncia a época contemporânea, sem [...] ser a simples continuação de uma nem o esboço da outra. (ARIÈS, 2009, p.11)

Existe, ainda, outro acadêmico que busca estudar a gênese do indivíduo moderno na sociedade: Louis Dumont. Dumont defende que a “[...] ideologia moderna é individualista – sendo o individualismo definido sociologicamente do ponto de vista dos valores globais. Mas trata-se de uma *configuração*, não de um traço isolado,” (DUMONT, 2000 [1983], p.21) e, portanto, somos sensibilizados aos valores associados ao indivíduo moderno, como a igualdade. Para compreender a gênese do indivíduo moderno, no entanto, Dumont afirma que é preciso um afastamento da ideologia moderna, pois, do contrário, a vemos como sendo natural ao invés de uma “[...] configuração individualista de ideias e valores que [...] não existiu sempre nem apareceu de um dia para o outro.” (DUMONT, 2000 [1983], p.22). Dumont (2000 [1983]) está mais próximo da perspectiva de Simmel (1998) do que a de Ariès (2009) no que diz respeito à gênese do individualismo, atrelando-a ao nascimento do Estado no século XIII. Porém, nesse texto não vamos discutir quando se deu a gênese do indivíduo, mas sim como. Buscamos, portanto, estudar os conceitos de *universitas* e de *societas* de Dumont (2000 [1983]), que explicam o lugar do indivíduo na sociedade, e analisar as (des)continuidades do discurso defendidas no trabalho de Ariès (2009). Assim como observar, de acordo com a visão de Colin Campbell (2001 [1987]), as mudanças comportamentais do indivíduo a partir de outra perspectiva: a do consumo. Seu ensaio, acima de tudo, “[...] envolve uma certa soma de leitura nas entrelinhas da história convencional do nascimento da sociedade moderna,” (CAMPBELL, 2001 [1987], p.26-7).

Foucault acreditava que todo discurso, que é uma forma de estabelecer conhecimento sobre certos temas que “[...] tenta superar a tradicional distinção entre o que uma *diz* (linguagem) e o que a



outra faz (prática)” (HALL, 2016, p.80, grifo do autor), produz conhecimento sobre determinado tema dentro de uma comunidade em um determinado momento na história (HALL, 2016). Portanto, nos voltamos para a literatura como uma fonte confiável para compreender como se deu a gênese do indivíduo moderno. Afinal, produzida em um contexto específico, a literatura é atravessada pela cultura, tornando-se, assim, um objeto de estudo bastante relevante.

Em *Falando de sociedade* (2009), Howard Becker defende *Orgulho e Preconceito* (1813) como uma “[...] análise bem construída dos costumes de casamento de um grupo particular da aristocracia rural inglesa no início do século XIX” (p.167). Para o sociólogo, a narrativa é uma forma de aprendizagem. Nesse caso, Austen esclarece protocolos sociais – de cortejo, de matrimônio e da condição socioeconômica feminina – em vigor durante a Regência Britânica (1795 – 1837). Becker (2009) reconhece, é claro, que o romance, em si, não é um livro de história ou uma biografia e, portanto, está sujeito a liberdades artísticas. Para ele, no entanto, o mais importante é “[...] saber se ela [Austen] inventou a verdade mais geral que essas pessoas e histórias ilustram, a história analítica sobre práticas de casamento daquele lugar, naquele período” (BECKER, 2009, p.171). Um romance como *Orgulho e Preconceito* (1813), afinal, faz observações muito detalhadas (e verossimilhantes) do período, motivo pelo qual, segundo o sociólogo, as obras da escritora britânica são muito utilizadas no âmbito acadêmico (BECKER, 2009).

Janet Todd (2017), acadêmica conhecida pelos seus estudos entorno da escritora britânica, parece concordar com Becker ao afirmar que o tema central de suas narrativas é a relação “[...] com sua família e com a sociedade,” (p.8, tradução nossa)<sup>3</sup>, defendendo, ainda, que mesmo que os temas favoritos de Jane Austen – “[...] algumas famílias no interior,” (p.8, tradução nossa)<sup>4</sup> – pareçam distante dos eventos históricos que sacudiam a Europa no século XIX, como a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, “[...] nos detalhes e nas referências, aparentemente, casuais existe muito para se aprender,” (p.8, tradução nossa)<sup>5</sup>. Para Todd, no entanto, o verdadeiro diferencial das obras de Jane Austen está no fato de que ela tratava de uns dos dilemas mais humanos e controversos: como negociar as expectativas da sociedade e permanecer fiel a si mesmo? (TODD, 2017). Afirmando, então,

<sup>3</sup> No original, “[...] to their families and to the wider society,” (TODD, 2017, p.8).

<sup>4</sup> No original, “[...] a few families in a country setting” (TODD, 2017, p.8).

<sup>5</sup> No original, “[...] in the detail and seemingly casual references there is much to be learned” (TODD, 2017, p.8).



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

que seu trabalho se resume à literatura “para mulherzinha” (TODD, 2017) seria o cúmulo do reducionismo.

Por meio das obras de Austen, é possível ter uma noção de como o indivíduo – e a individualidade – se manifesta na sociedade do final do século XVIII e do início do século XIX. Seus livros, assim sendo, são uma fonte de curiosidade e de conhecimento para acadêmicos ao redor do mundo (TODD, 2017). Nesse artigo, buscamos observar a transformação do indivíduo na sociedade através da narrativa. Para tanto, selecionamos *Orgulho e Preconceito* (1813) como ponto de partida para nossa análise devido à sua popularidade – com 22 adaptações para a televisão e o cinema; mais de 100 adaptações para livros, que envolvem continuações e outras conjecturas; e inúmeras reimpressões do original – e, por conseguinte, à sua influência. Para fins comparativos, escolhemos a série *The Lizzie Bennet Diaries* (2012 –2013), que, produzida para comemorar os 200 anos da primeira impressão de *Orgulho e Preconceito* (1813), não só foi considerada “[...] the best Austen adaptation at the moment,” pelo jornal britânico *The Guardian* (2013) como também foi a primeira série digital a ganhar um Emmy Award (2013). *The Lizzie Bennet Diaries* tenta ser fiel à história de Austen enquanto a adapta ao século XXI. Podemos, assim, observar as continuidades e descontinuidades no discurso narrativo das duas versões, assim como o modo como indivíduo se estabelece em ambas. O trabalho, que é de natureza muito teórica, será feito utilizando o método da análise do discurso, que parte do princípio que a linguagem é

[...] interação, e um modo de produção social [...]. Como elemento de mediação necessário entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito [...] não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. (BRANDÃO, 2014, p.11).

Nesse trabalho, contextualizamos *Orgulho e Preconceito* (1813) com os trabalhos de Howard Becker (2009) e Janet Todd (2017) para, logo em seguida, relacionar a história à retórica de Louis Dumont (2000), Eduardo Viveiros de Castro (2002) e Nicole Castan e Orest Ranum (2009), assim como Colin Campbell (2001 [1987]). Depois, analisamos a série *The Lizzie Bennet Diaries* (2013) sob a perspectiva dos autores mencionados anteriormente, além de Paula Sibilía (2008) e Nicole Aubert e Caroline Haroche (2013). Não buscamos encerrar a discussão sobre a gênese do indivíduo moderno e, muito menos, como este é observado em produtos culturais, mas sim enriquecer o debate.

**Entre *universitas* e *societas*: *Orgulho e Preconceito* (1813)**



Em *Orgulho e Preconceito* (1813), somos transportados para a Inglaterra do período da Regência Britânica. Especificamente, para a cidade rural (fictícia) de Longbourn, no condado de Hertfordshire, à 40 quilômetros de Londres. A história começa com uma das frases mais famosas da literatura inglesa: “É verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro e muito rico precisa de esposa.” (AUSTEN, 2014 [1813], p.237). Inócua à primeira vista, essa frase, na realidade, introduz um dos temas centrais da trama: o matrimônio. Ou melhor, o matrimônio em um “[...] contexto de leis e costumes fortemente influenciado por gradações complexas de classe e fortuna” (BECKER, 2009, p, 168) do início do século XIX. Em *Orgulho e Preconceito* (1813), somos apresentados diversos tipos de casamentos, bons, ruins e de interesse mútuo, que exploram as teias sociais complexas da época. Isso inclui negociações entre o querer do indivíduo e a expectativa da sociedade, como é possível observar no extrato abaixo, em que Charlotte Lucas, amiga de longa data de Elizabeth Bennet, pensa sobre a proposta de casamento que aceitou.

O sr. Collins, [...], não era nem inteligente nem agradável; sua companhia era maçante e seu amor por ela, provavelmente imaginário. Sem ter em alta conta nem os homens, nem o matrimônio, o **casamento sempre fora seu objetivo; era o único futuro para uma moça bem educada, de pequena fortuna, e, ainda que não fosse certo que trouxesse a felicidade, devia ser a mais agradável proteção contra a necessidade.** Ela conseguira essa proteção; e aos vinte e sete anos de idade, [...], percebia a sorte que tivera. (AUSTEN, 2014 [1813], p.311, grifo nosso)

Para Becker (2009), este é “[...] um exemplo mais extenso da análise detalhada que Jane Austen faz dessas situações conjugais e dos cálculos que as mulheres realizam ao aceitá-las.” (p.X). A srta. Lucas, que mais tarde se tornará sra. Collins, não tem o matrimônio ou os homens em alta estima. Isso, no entanto, não significa que ela não queira se casar. Ocorre que, naquela época, só existiam duas opções para uma mulher que permanecesse solteira: tornar-se uma governanta ou realizar tarefas nas redondezas. Nenhuma das duas, porém, oferecia segurança financeira em longo prazo (TODD, 2017). Assim, é verdade, que a aflição “[...] of a future without marriage or income shadows all her fictional women without fortune,” (TODD, 2017, p.14), entretanto, acreditar que isso se refere somente às lamúrias do amor seria um engano terrível. O casamento, no século XVIII e XIX, significa a proteção contra a necessidade, entre outras vantagens – como o *status* – que o matrimônio garantia às mulheres. Por tudo isso, Charlotte está disposta a suportar uma união desprovida de sentimentos afetuosos pelo parceiro.



A sala em que as damas se reuniam ficava na parte de trás da casa. No começo, Elizabeth até estranhou que Charlotte não preferisse a sala de jantar para o uso comum; era uma sala maior e de aspecto mais agradável; mas logo percebeu que a amiga tinha uma excelente razão para a sua escolha, pois **o sr. Collins teria permanecido muito menos em seus próprios aposentos, se elas se reunissem numa sala igualmente agradável; e louvou Charlotte pelo arranjo.** (AUSTEN, 2014 [1813], p.337, grifo nosso)

Para além do cenário da condição das mulheres no início do século XIX, embora iremos retomar este assunto mais adiante, é preciso pensar em como os personagens de *Orgulho e Preconceito* (1813) se estabelecem como indivíduos, no sentido de “[...] ser *moral*, independente, autônomo e, assim (essencialmente), não social, tal como se encontra, sobretudo, em nossa ideologia moderna do homem e da sociedade.” (DUMONT, 2000 [1983], p.75, grifo do autor) em oposição ao sentido de “[...] sujeito *empírico* da palavra, do pensamento, da vontade, amostra indivisível da espécie humana,” (DUMONT, 2000 [1983], p.75, grifo do autor). Ou vice-versa. O século XIX pode ser tanto a ascensão quanto o início do indivíduo moderno dependendo do autor que se estude. Dumont defende a primeira opção, mas isso não significa que os conceitos de *universitas*, referente ao sujeito empírico, e de *societas*, referente ao sujeito moral, explicados pelo autor em seu livro, *O individualismo* (2000), sejam inúteis em outros contextos históricos (DUMONT, 2000 [1983]). Por isso, é importante compreender que

[*societas*] se funda na idéia de contrato entre átomos individuais ontologicamente independentes: a sociedade é um artifício resultante da adesão consensual dos indivíduos, guiados racionalmente pelo interesse, a um conjunto de normas convencionais; [...] A [*universitas*] se funda na idéia de um todo orgânico preexistente empírica ou moralmente a seus membros, que dele emanam e retiram sua substância: a sociedade é uma unidade corporada orientada por um valor transcendente; ela é um ‘universal concreto’ onde a natureza humana se realiza. (CASTRO, 2002, p.184-5)

Sabendo que *universitas* e *societas* representam “[...] duas imagens de sociedade, opostas e combinadas de modo historicamente variável,” (CASTRO, 2002, p.184), é possível argumentar que, por meio de seus personagens, *Orgulho e Preconceito* (1813) expõe a mentalidade dominante do período retratado. Por exemplo, no primeiro baile em que os recém-chegados – sr. Bingley, srta. Bingley, sr. Hurst, sra. Hurst e sr. Darcy – comparecem em Meryton podemos ver as diferentes reações dos habitantes locais em relação ao sr. Bingley e ao sr. Darcy, ambos homens ricos e solteiros, algo considerado, na época, como absolutamente desejável e proveitoso para as famílias.

**O sr. Bingley logo fez amizade com todas as principais pessoas do salão; era animado e expansivo, dançava todas as danças,** zangou-se porque o baile acabou tão cedo e falou em



dar ele mesmo um baile em Netherfield. Tais qualidades simpáticas falavam por si mesmas! Que contrasta entre ele e o amigo! **O sr. Darcy só dançou uma única vez com a sra. Hurst e outra com a srta. Bingley, recusou-se a ser apresentado a qualquer outra mulher** e passou o resto da festa a caminhar pelo salão, conversando de quando em quando com alguém de seu próprio grupo. **Não havia dúvidas sobre o seu caráter. Era o mais orgulhoso e desagradável homem do mundo, e todos esperavam que nunca mais aparecesse [...].** (AUSTEN, 2014 [1813], p.241)

Com uma renda de 10.000 libras ao ano <sup>6</sup>, o sr. Darcy é duas vezes mais rico que o sr. Bingley. No entanto, por mais rico que ele seja, sua não-conformação com os costumes de Meryton o tornam, aos olhos dos habitantes locais, muitas vezes mais desagradável – e, inclusive, uma união menos vantajosa – do que o sr. Bingley, que participa alegremente das festas e dos jantares da vizinhança. A mãe da protagonista, diante de uma afronta à Elizabeth, que foi esnobada pelo o sr. Darcy no baile, afirma que “[...] Lizzy não perde muito por não corresponder às fantasias *dele* [de uma mulher bonita]; pois se trata de um homem desagradabilíssimo, medonho, que não merece consideração,” (AUSTEN, 2014 [1813], p.243). A não-conformação do sr. Darcy é vista como sinal de orgulhoso excessivo por parte do cavalheiro, impressão que fica por grande parte da história.

Ocorre, entretanto, que, aqui, tratamos da civilidade no século XVIII, período em que surgiam novas práticas, comportamentos e expectativas sociais (REVEL, RANUM, FLANDRIN, GÉLIS, FOISIL & GOULEMOT, 2009). “O espaço governado pela civilidade é o da existência coletiva, da sociabilidade distintiva [...] dos salões, ou do ritual social em sua íntegra, cujas normas obrigatórias devem aplicar-se a todos os indivíduos,” (REVEL, RANUM, FLANDRIN, GÉLIS, FOISIL & GOULEMOT, 2009, p.165). Em *Orgulho e Preconceito* (1813), observamos como o sr. Darcy é rechaçado devido à sua inabilidade – ou, mesmo, sua reticência – em se relacionar com os habitantes de Meryton. Entretanto, o sr. Darcy também protagoniza cenas que contrariam a noção de civilidade da época, que sufocava “[...] o indivíduo sob o peso dos comportamentos familiares, comunitários, cívicos e rurais.” (RANUM, 2009, p.211). Um exemplo é a confissão que ele faz à Elizabeth Bennet,

---

<sup>6</sup> Um artigo disponível no site da JASNA – *The Jane Austen Society of North America* – explica melhor quanto rico o sr. Darcy seria e como isso seria percebido na época. De acordo com o autor, o professor universitário James Heldman, “Mr. Darcy is not the wealthiest of Jane Austen’s characters. [...] Nevertheless, Mr. Darcy is very wealthy. He has an income of £10,000 a year; [...] Mr. Darcy’s income is at least 300 times the per capita income in his day. Moreover, Mr. Darcy belongs to a very select group. G.E. Mingay, an economic historian, estimates that in 1790, about twenty years before the time of *Pride and Prejudice*, there were only 400 families among the landed gentry in England whose incomes fell within that range, a range from £5,000 to £50,000 a year, with the average being £10,000 a year. Mr. Darcy is thus the average among what Mingay describes as the “Great Landlords” (HELDMAN, 1990, p.38-49).



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

enquanto ela está hospedada na casa do sr. e da sra. Collins: **“Tentei lutar, mas em vão. Não consigo mais. Não posso reprimir meus sentimentos. Você tem que me permitir dizer com quanto ardor eu admiro e amo você.”** (AUSTEN, 2014 [1813], p.349, grifo nosso).

Os desejos do indivíduo se sobrepõem, assim, às regras sociais vigentes. E, nesse momento, nos encontramos entre a *universitas* e a *societas*, o todo e a parte, em *Orgulho e Preconceito* (1813). Da mesma forma que o sr. Darcy escolhe Elizabeth Bennet, Elizabeth Bennet escolhe o sr. Darcy. Não por causa das convenções sociais, mas por amor. O sr. Darcy, no entanto, não é o único que desafia, intencionalmente ou não, beneficentemente ou não, a ideia de *universitas*. Charlotte Lucas apresenta um ato de interesse pessoal ao se casar sem pretensões similares às outras personagens femininas, que buscavam o amor, e sim com a intenção de encontrar estabilidade. Ademais, pelo pouco que podemos ver de sua vida familiar com o sr. Collins, Charlotte é, como afirma Nicole Castan (2009), “[...] serva [...] mas também senhora, e esta última condição lhe confere a autoridade necessária para desempenhar tarefas [...]. Isso leva a rever a ideia de uma subordinação rigorosa ao chefe da família; impõe-se mais uma divisão de poderes” (p.407-8). É verdade, no entanto, que o trabalho doméstico feminino não era – nem é – de fato reconhecido (CASTAN, 2009). Charlotte, porém, talvez seja a personagem que deixa a divisão entre *universitas* e *societas* mais turva, pois se, por um lado, ela não desafia as convenções sociais, ela as torna favoráveis à sua pessoa. Como ela mesma diz,

**[...] não sou romântica; nunca fui. Quero apenas um lar decente; e considerando o caráter, as relações e a situação financeira do sr. Collins, estou certa de que as minhas possibilidades de ser feliz com ele são tão razoáveis quanto as da maioria das pessoas que chegam à condição matrimonial.** (AUSTEN, 2014 [1813], p.313, grifo nosso)

Também é possível observar nas breves, mas constantes, menções às práticas de consumo no texto de Austen. Campbell (2001 [1987]) destaca que a “[...] revolução do consumo [...] foi [...] uma questão predominantemente da classe média [...] e consistiu, sobretudo, numa nova procura de produtos supérfluos ou de luxo,” (p.55). Concomitantemente, novos valores, hábitos e lazeres começam a ser incorporados pela sociedade. Campbell, então, desassocia o espírito do consumismo moderno das noções de emulação social, manipulação midiática ou moda passageira (CAMPBELL, 2001 [1987]). Portanto, quando Lydia Bennet decide comprar novas faixas para enfeitar seu chapéu ou seu vestido, ela não o faz somente por que é algo esperado dela ou por que foi socialmente



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

impelida, mas por que é algo que lhe dá prazer. Esse prazer, porém, “[...] não é simplesmente uma qualidade da experiência, mas uma auto-iludida qualidade da experiência.” (CAMPBELL, 2001 [1987], p.132). Ou seja, o prazer nasce do desejo. Para Campbell (2001 [1987]), é nesse momento que surgem algumas das características mais marcantes da sociedade moderna: o anseio e a desilusão. Dois elementos, estes, que formam o ciclo inabalável de “desejo-aquisição-desilusão-desejo” (CAMPBELL, 2001 [1987], p.132). Daí a necessidade de faixas novas, que perderão a graça até o próximo baile. Daí, também, a decepção com o matrimônio ou o marido. A ilusão é sempre melhor do que a realidade: assim, “[...] a afeição de Wickham por Lydia em breve se transformou em indiferença. A de Lydia resistiu por mais algum tempo.” (AUSTEN, 2011 [1813], p.373). É interessante ressaltar que, ainda que Lydia tenha tantas características consideradas modernas em seu comportamento – dos impulsos individualistas à auto-ilusão –, ela é a personagem com o final menos feliz. Em grande parte, devido ao seu comportamento. Porém, Lydia ainda respeita as normas sociais, visto que apesar “[...] de suas maneiras, ela conservou intacta a reputação que o casamento lhe havia assegurado.” (AUSTEN, 2011 [1813], p.373).

Dessa forma, observamos que, independente do século exato em que ocorre a gênese do indivíduo moderno, *Orgulho e Preconceito* (1813), como concebido por Austen, encontra-se em um momento de transformações, de uma sociedade formada pela crença na homogeneidade da humanidade para uma sociedade unida por interesses pessoais. Ademais, observam-se, na história, as relações existentes entre o indivíduo e a sociedade; a luta constante entre o querer e o dever, seja para o bem ou para o mal. Agora, entretanto, veremos como os mesmos personagens são incorporados ao século XXI; veremos como as tensões entre o indivíduo e a sociedade se manifestam em um mundo diferente e, mais importante, como diferem dos séculos XVIII e XIX.

### **O show do “eu”: *The Lizzie Bennet Diaries* (2013)**

O alcance de *Orgulho e Preconceito* (1813) não é nenhuma novidade. E é difícil que se encontrem produtos culturais – livros, filmes, séries, entre outros – que não tenham sido influenciados pela obra de Jane Austen de alguma forma. Porém, enquanto alguns trabalhos foram simplesmente influenciados por ela, outros tentaram subvertê-la. Desde viagens no tempo até zumbis, existe pouca coisa que não tenha sido feita com a história sobre a aristocracia rural inglesa dos séculos XVIII e XIX. Levando tudo isso em consideração, *The Lizzie Bennet Diaries* (2013) é,



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

portanto, uma adaptação inocente – e relativamente fiel – do material original. Com 100 episódios de três à oito minutos, a série digital, feita em comemoração ao bicentenário do lançamento do livro de Austen, é formatada como se fosse o *vlog*<sup>7</sup> de Elizabeth ‘Lizzie’ Bennet, uma estudante universitária que mora com seus pais, suas irmãs e sua gata, Kitty. O *vlog*, um trabalho de conclusão de curso, é feito com a ajuda de sua melhor amiga, Charlotte Lu. Por meio deste, Lizzie divide sua vida – e seus problemas – com a audiência: da mãe obcecada em casar as filhas aos vizinhos irritantes. Ocorrem mudanças, de magnitudes diferentes, de *Orgulho e Preconceito* (1813) para *The Lizzie Bennet Diaries* (2013): as irmãs Bennet deixam de ser cinco e se tornam três; alguns nomes são alterados – Charlotte Lucas se torna Charlotte Lu, sr. Bingley vira Bing Lee, entre outros –; e as distâncias tornam-se mais curtas.

A manutenção de certos elementos da história original a tornaria inverossímil para os dias atuais. Quando os romances de Jane Austen, *Orgulho e Preconceito* e *Emma*, foram escritos, eles se comunicavam com as mulheres de seu tempo. *The Lizzie Bennet Diaries* e *Emma Approved* também se comunicam com suas contemporâneas. (DIAS, 2015, p.138, grifo da autora)

É interessante observar, no entanto, que uma das maiores mudanças do original para a adaptação é a questão matrimonial. Nos séculos XVIII e XIX, o matrimônio era essencial para o futuro de uma mulher devido à segurança financeira e ao status que uma boa união trazia consigo. Assim sendo, é um tema caro à *Orgulho e Preconceito* (1813). Já na série, “[...] muitas dessas questões de casamento foram substituídas por questões de trabalho, preocupação atual sobre o que irá garantir o sustento e o sentimento de realização, não deixando de lado, é claro, a questão do amor.” (DIAS, 2015, p.139). Um aspecto que permanece imutável, entretanto, é o desejo ardente da sra. Bennet que suas filhas se casem logo. De preferência, com homens ricos.

O fato de que o casamento é substituído pelo trabalho é bem interessante, mas a verdade é que tudo se resume à estabilidade financeira. A família Bennet está passando por dificuldades financeiras por causa da hipoteca da sua casa, além dos empréstimos para que Lizzie e Jane pudessem estudar, o que cria, justamente, o cenário econômico que vemos em *Orgulho e Preconceito* [...] (RODRÍGUEZ, 2015, p.141, tradução nossa).<sup>8</sup>

<sup>7</sup> A palavra *vlog* é resultado da contração das palavras vídeo + blog. A diferença do *blog* para o *vlog* está no formato em que o conteúdo do canal é distribuído. Ou seja, textos e vídeos, respectivamente. A pessoa responsável por um *vlog* é o *vlogger*, que, em geral, atualiza a página diariamente ou semanalmente.

<sup>8</sup> No original, “The fact that marriage prospects are changed to job opportunities is very telling, but it all comes back to the idea of financial stability. The Bennet family is handling some financial troubles with their house mortgage; this along



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Retirar o casamento do destino de Charlotte Lu, que no universo de *The Lizzie Bennet Diaries* aceita uma proposta de emprego de Ricky Collins, é uma escolha bem interessante visto que a personagem, mesmo no original, jamais mostrou interesse no matrimônio. Esse, assim sendo, é mais um sinal da mudança dos tempos e, por conseguinte, da mudança da percepção do indivíduo, em geral, e da mulher, em particular, em relação ao todo. Com mais alternativas e menos certezas, que podemos atribuir ao enfraquecimento de instituições como a família, a Igreja e o Estado (BAUMAN, 2013), é possível conjecturar que a noção de civilidade dos séculos XVIII e XIX, bastante presente em *Orgulho e Preconceito* (1813), não aparece tanto em *The Lizzie Bennet Diaries* (2013). No entanto, isso não significa que os princípios da civilidade foram completamente descartados da narrativa. Afinal, a própria Lizzie traz diversos incidentes à tona em que argumenta que o comportamento de uma pessoa deveria ter sido diferente devido às circunstâncias, como é o caso do trecho abaixo, em que ela discute a conduta de Darcy na festa de casamento de amigos em comuns.

Mas Darcy [...]  **você não pode fingir que está feliz e forçar um sorriso?** Então lá estava eu, sendo uma dama, seguindo seu ritmo. Ou melhor, tentando [...]. (Episódio 7, *The Lizzie Bennet Diaries*, grifo nosso)

Ao perguntar se ele não poderia ‘fingir que está feliz e forçar um sorriso?’ sua falta de civilidade para com ela é criticada por tê-la constrangido em uma situação em que tal coisa poderia ter sido evitada facilmente. Assim como na história original, Darcy também é criticado pela falta de interação com os outros convidados, de modo que seja rotulado como um esnobe. Dessa forma, muitas das condutas vistas como inaceitáveis na história original se repetem na série digital, demonstrando que a noção de civilidade não deixou de existir, mas tornou-se menos rígida.

Isso não significa, porém, que não existam mais expectativas sociais; elas simplesmente sofreram alterações com o passar do tempo. Agora, além de conviver com expectativas passadas – no caso das mulheres, casar e ter filhos –, em *The Lizzie Bennet Diaries* (2013) percebe-se que a “[...] sociedade contemporânea, fundamentada em uma aceleração contínua e guiada unicamente pelos valores do desempenho, rentabilidade, juventude e sucesso, nos leva a viver quase exclusivamente no registro do Eu” (HAROCHE & AUBERT, 2013, p.355). O *vlog*, assim, não é só um trabalho de

---

with Lizzie and Jane’s student loans creates the troublesome economic background of *Pride and Prejudice* [...]” (RODRÍGUEZ, 2015, p.141, grifo da autora).



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

conclusão de curso, mas também uma forma de mostrar seu talento em uma sociedade tão conectada, tão midiaticizada e tão competitiva quanto a do século XXI. O indivíduo, assim, precisa fazer o oposto do que era feito nos séculos XVIII e XIX: aparecer. O formato escolhido por Lizzie, nesse caso, é ótimo, mas é bom lembrar que

[...] já foi bastante comemorado [o] advento de uma era enriquecida pelas potencialidades das redes digitais, sob bandeiras como a da cibercultura, da inteligência coletiva e da reorganização rizomática [mais democrática] da sociedade. Por outro lado, convém dar ouvidos também a outras vozes, nem tão deslumbradas com as novidades e mais atentas para seu lado menos luminoso. (SIBILIA, 2008, p.10)

Nos séculos XVIII e XIX, a intimidade “[...] exige locais isolados, espaços apartados onde encontrar solidão, recolhimento, silêncio. O jardim, o quarto, [...], o gabinete, a biblioteca oferecem tais refúgios, que, juntos, escondem o que já não pode ou deve ser mostrado,” (RANUM, REVEL, FLANDRIN, GÉLIS, FOISIL & GOULEMOT, 2009, p.X). No século XXI, as fronteiras entre público e privado estão cada vez mais questionáveis. Quando falamos de redes sociais, grupo em que o *vlog* certamente está incluído, a situação torna-se ainda mais complexa por que “[...] o computador é capaz de criar um espaço que é público, mas também aparenta ser privado e íntimo.” (MURRAY apud DIAS, 2015, p.141). Pensando no universo de *The Lizzie Bennet Diaries* (2013), o *vlog* é gravado no quarto da protagonista, local que, antes, era considerado um dos mais íntimos possíveis, perdendo somente para possíveis alcovas. Assim sendo, a noção de intimidade apresentada anteriormente é desconstruída. Ademais, “[...] o espaço invisível na pessoa, no indivíduo, [...] tende a desaparecer, [...] Só haveria o visível, o transparente, já não haveria direito ao invisível, ao íntimo,” (HAROCHE, 2013, p.85). Sofremos, agora, com a visibilidade excessiva. Vivemos, portanto, na era da extimidade (SIBILIA, 2008), termo usado para designar o fim da intimidade em uma sociedade em que tudo precisa ser exposto. Se o outro não te valida – não curte, não ama, não dá *like* –, você não existe (HAROCHE, 2013).

Ademais, em *The Lizzie Bennet Diaries* (2003) vemos o desejo e a desilusão descritos por Colin Campbell (2001 [1987]) em seu ensaio *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Que já existiam antes, é claro, como notamos em *Orgulho e Preconceito* (1813), mas que se intensificam no século XXI devido às exigências de uma sociedade tão performática quanto a nossa. Mantendo, ainda, expectativas sociais como o cortejo, o matrimônio e a procriação. Lizzie, portanto, tem grandes expectativas quanto ao seu futuro emprego. Jane, que sonha em ser uma *designer*,



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

também. Lydia Bennet, porém, mais uma vez, é a personagem que melhor caracteriza o ciclo de “desejo-aquisição-desilusão-desejo” (CAMPBELL, 2011 [1987], p.132). Sua desilusão com o namorado, além de grande, se torna um dos pontos centrais no final da série. E, como já mencionamos, pode suscitar inúmeros debates. É interessante observar, no entanto, que, ao contrário do que vemos em *Orgulho e Preconceito* (1813), a maioria dos personagens sofre desilusões – em especial, amorosas – para, logo em seguida, ter seus sonhos minimamente encaminhados. Quebrando, de certa forma, o ciclo descrito por Campbell e, ao mesmo tempo, conferindo um ar lúdico à história.

## Conclusão

Existem 200 anos de diferença entre as obras analisadas, mas, como disse Todd (2017), certos assuntos são inextinguíveis. Como é o caso da relação entre indivíduo e sociedade. Simmel (1998), Dumont (2000 [1983]) e Ariès (2009) se preocuparam em desvendar a gênese do indivíduo moderno – e, por conseguinte, a gênese dos valores do indivíduo moderno. A preocupação desse artigo, por outro lado, foi buscar as continuidades e discontinuidades neste indivíduo em uma mesma história contada em séculos diferentes. Com o intuito de ter uma noção melhor do indivíduo como ser. Sem a pretensão de encerrar o debate, foram utilizados, principalmente, os conceitos de *universitas* e *societas*. E, desses, partiram outros conceitos, como o de civilidade, de intimidade, de visibilidade e, finalmente, de extimidade. O ideal de liberdade, como defendeu Simmel (1998), é fundamental ao indivíduo moderno e, portanto, está presente, em maior ou em menor grau, em cada um desses conceitos. Em *Orgulho e Preconceito* (1813) sentimos a força da sociedade enquanto em *The Lizzie Bennet Diaries* (2013) vemos o sucesso do indivíduo. Isso não pode ser atribuído somente ao formato dessas obras. Ao contrário, é necessário observar o contexto sócio-histórico envolvido em sua criação. *Orgulho e Preconceito* (1813) se encontra entre dois momentos da transformação do indivíduo moderno. *The Lizzie Bennet Diaries* (2013) está em um dos extremos. Isso não só pode ser observado por meio dos conceitos citados anteriormente, mas também por meio das noções de anseio e de desilusão apresentadas por Colin Campbell (2001 [1987]) na primeira metade de seu ensaio.

A civilidade e a intimidade, noções tão caras à sociedade nos séculos XVIII e XIX, não fazem mais tanto sentido no século XXI. Porém, não foram totalmente esquecidas, como pudemos observar nos extratos da série. Elas ainda ditam os limites na era da visibilidade (HAROCH, 2013) e da extimidade (SIBILIA, 2008). Os ideais de civilidade e intimidade, de fato,



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

mudaram da *universitas* até a *societas*, mas ainda é possível ver paralelos o suficiente – na expectativa de que os indivíduos participem de manejos sociais, na expectativa de que as mulheres casem e constituam família e na expectativa de que os indivíduos façam aquilo que lhes é requisitado, seja ter uma família ou ter um emprego – entre um e outro. Talvez, tal como Ariès (2009) defende, os séculos XVIII e o século XXI não sejam tão diferentes quanto gostaríamos de pensar.

### Referências

AGÊNCIA BRASIL. **Um terço da população brasileira responsabiliza mulher pelo estupro**, 2016. Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-09/mais-de-um-terco-da-populacao-brasileira-responsabilizam-mulher> >. Último acesso em: 21 de Janeiro de 2018.

ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: CHARTIER, Roger (Org.). **História da vida Privada 3 – Da Renascença ao século das Luzes**. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2009, p.9-26.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo, SP: Editora Martin Claret, 2014.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura líquida no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Zahar, 2013.

BECKER, Howard. **Falando de sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro, RJ: Editora Zahar, 2009.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014.

CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Rocco, 2001.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. O conceito de sociedade em antropologia. In: **Teoria & Sociedade**, v.5, 2000, p.182-199

CASTAN, Nicole. O público e o particular. In: CHARTIER, Roger (Org.). **História da vida Privada 3 – Da Renascença ao século das Luzes**. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2009, p.402-38.

DIAS, Mariana Castro. **Narrativas transmidiáticas: criando histórias na era da convergência dos meios**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Departamento de Comunicação Social, PUC-RIO, RJ.

DUMONT, Louis. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro, RJ: Editora Rocco, 2000.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro, RJ: Editora PUC-RIO; Apicuri, 2016.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

HELDMAN, James. How wealthy is Mr. Darcy – Really?. In: **Persuasions: Journal of The Jane Austen Society of North America**, N° 12, 1990, p.38-49. Disponível em: <  
<http://www.jasna.org/persuasions/printed/number12/heldman.htm>>. Último acesso em: 15 de Janeiro de 2018.

RANUM, Orest; REVEL, Jacques; FLANDRIN, Jean-Louis; GÉLIS, Jacques; FOISIL, Madeleine; e GOULEMOT, Jean Marie. Introdução. In: CHARTIER, Roger (Org.). **História da vida Privada 3 – Da Renascença ao século das Luzes**. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2009, p.164-69.

\_\_\_\_\_. Os refúgios da intimidade. In: CHARTIER, Roger (Org.). **História da vida Privada 3 – Da Renascença ao século das Luzes**. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2009, p.211-63.

RODRÍGUEZ, Noélia M<sup>a</sup> Galán. Looking for Austen in the 21<sup>st</sup> century. In: **Huarte de San Juan: filología y didáctica de la lengua**, N° 15, 2015, p.129-148.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira, 2008.

SIMMEL, Georg. O indivíduo e a liberdade. In: SOUZA, Jesse; ÖELZE, Berthold (Orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: UNB, 1998, p.109-117.

TODD, Janet (Org.). **Jane Austen in context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. **The Jane Austen treasury**: a delightful collection of insights into her life, her times and her novels. Londres: Andre Deutsch, 2017.